

O FRACASSO ESCOLAR: O QUE PERMEIA A RELAÇÃO ENTRE ALUNO E PROFESSOR?.

Thainá Maria da Silva Quitete

Universidade Federal Fluminense- UFF, thainaquitete@id.uff.br

Resumo: O trabalho analisa o papel do professor e do aluno em relação ao fracasso escolar, a fim de identificar essa relação entre esses dois sujeitos, que desempenham diferentes papéis dentro do ambiente escolar. O recorte teórico é baseado nos princípios de Vygotsky e Piaget, relacionados às teorias da aprendizagem. Em Vygotsky (1991), os estudos estão ligados ao conceito sócio- histórico ou sociocultural, que diz que a aprendizagem é resultado de uma interação da criança com o meio social para construir uma capacidade cognitiva. Também é utilizado o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal e Aprendizagem Aproximada. Já a teoria de Piaget considera as formas de pensar sendo construídas na interação da criança com os objetos, pela ação. Piaget (1998), utilizou três conceitos no estudo do desenvolvimento intelectual: assimilação, acomodação e equilíbrio. Nesta perspectiva, a introdução desses conceitos servem para conceitualizar a forma do pensamento humano em relação à aprendizagem, que logo após se esbarrarão em questões sociais, como a agressividade, problemas familiares, ausência de motivações, indisciplina e dificuldade de compreender conteúdos. O método de estudo se baseou no estudo dos casos apresentados nos artigos, com dados oficiais que abrangeram o tema estudado. O estudo realizado tem por objetivo analisar as relações entre escola, professor, aluno e sociedade, como ênfase no processos de aprendizagem, referente à psicologia e também sociais, a qual os agentes estão inseridos.

Palavras-chave: fracasso escolar, Piaget; Vygostsky, relação aluno e professor.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende trabalhar o tema de Fracasso Escolar no Sistema Educacional Brasileiro, buscando compreender os fatores internos e externos que acarretam na perpetuação do tema. O primeiro e mais importante meio para o início da vida acadêmica se dá pelo professor e dentro da sala de aula. Então como não evidenciar a importância da boa relação entre esses sujeitos para que a educação seja plenamente compreendida?. Tudo isso, fez com que iniciasse o debate sobre fracasso escolar, principalmente no Ensino Fundamental. Nessa questão, na própria palavra “permeiar” que significa atravessar, traz o sentido de que o saber e a informação é passada por um meio, que nesse caso é o professor. Sendo assim, têm por objetivo traçar por meio do estudo histórico, bibliográfico e dos resultados de pesquisas presente nos artigos selecionados, os fatores que permitiram a manutenção do fracasso escolar e identificar o papel do professor até então nessa questão. Assim, buscar caminhos que esclareçam e identifiquem quais são os resultados do fracasso escolar, no educando, na sua família, na escola e no professor. Buscar, por meio de revisão bibliográfica, observar os resultados de pesquisa, partindo do ponto de vista daquele meio, a fim de entender os caminhos para a resolução de conflitos e a diminuição do fracasso escolar, que se encontra tão presente nas escolas do Brasil. Para a realização deste trabalho foram usados os autores Bardelli e Maluf (1991), Silva (2001) Cruz e Stefanini (2005, 2006), Pain (1993, 2003), Oury e Vasques (1998), Vygotsky (1991) e Piaget (1998).

METODOLOGIA

Na realização deste trabalho, foram utilizadas pesquisas bibliográficas a partir das análises de artigos e as pesquisas neles presentes. Os dados presentes nos artigos selecionados foram analisados e retirados suas conclusões. A partir da análise qualitativa dos dados, o estudo pretendeu organizar e permitir as reflexões sobre o tema Fracasso Escolar.

A cada artigo, foram utilizadas diversas pesquisas. No artigo de Rosane Guimeiro, a autora utilizou uma pesquisa no ano de 2006 em uma escola pública no interior do Paraná. Nesta pesquisa, foram vistos 30 alunos do ensino médio, filhos de pescadores e pedreiros moradores de ilhas e que viviam destas atividades. Na pesquisa, a perspectiva das pesquisadoras foram surpreendentes pois os alunos destacavam a escola com muita expectativa para ascender socialmente.

Para os alunos, a importância da escola vinha acompanhada de expectativas, como: aprender, decidir o futuro, ter um bom emprego etc, apontando uma consciência escolar. Porém, segundo uma pesquisa realizada pelo TSE em 16 de janeiro de 2008, a evasão e o analfabetismo imperavam o Brasil, a baixa escolaridade atingia mais da metade dos eleitores e chegava a 70% no Nordeste. Desse modo, a partir dessas informações, um tanto quanto ambíguas, a autora remete que é possível afirmar a existência de um tipo de violência simbólica, estrutural e institucional.

Outra pesquisa realizada esteve presente no artigo Dificuldades de aprendizagem de alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental: o olhar do professor, (CRUZ; STEFANINI, 2005/2006). Diz respeito a um estudo descritivo, de caráter qualitativo. Foi realizado por meio de entrevista semi-estruturada numa escola pública estadual, em Araraquara, SP. Foram estudados oito professores de 1ª a 4ª série.

As respostas dos professores sobre:

- a) o conceito de dificuldade de aprendizagem: dificuldade em assimilar o conteúdo, dificuldade na leitura e escrita e dificuldade em relação ao raciocínio.
- b) as causas da dificuldade de aprendizagem: familiar, da própria criança e da escola

A respeito ao item a, de dificuldade em assimilar o conteúdo, de modo geral a dificuldade de aprendizagem atrapalha e impede a aquisição dos conteúdos. Já a respeito da dificuldade em relação ao raciocínio, os professores consideram a dificuldade em relação a matemática e produção de texto como os maiores itens para a falta de compreensão sobre as situações.

Em respeito ao item b, a opinião dos professores é que uma criança pode apresentar dificuldade de aprendizagem relacionadas a um ou mais fatores. Em relação à família, situações como separações dos pais e de crianças abandonadas. Já em relação a problemas da própria criança, como carência emocional, problemas neurológicos, atrasos mentais, dislexia, hiperatividade e desinteresse. E por último, em relação à escola, essas dificuldades são consequência do trabalho do professor com o aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este artigo buscou abordar as questões que acarretam no fracasso escolar, principalmente no seu sistema de ensino e dos seus profissionais inseridos. As autoras Maluf e Bardelli (1991) utilizaram uma pesquisa que se identificou em ser exploratória. Com a proposta de identificar as atribuições causais que professores e alunos de 1º a 4º série de uma escola pública de 1º grau da periferia de São Paulo, foram formuladas questões a fim de explicar o mau desempenho escolar dos alunos.

Nessa pesquisa, foram entrevistados 42 alunos e nove professoras, de primeira à quarta série, de um total de 240 alunos. Essas professoras tinham entre 23 e 33 alunos e tinham o Curso Normal, com no mínimo 4 anos de experiência de ensino nas séries iniciais. Os alunos tinham entre 7 e 14 anos, provenientes de famílias de baixo nível sócio-econômico e pais com pouca ou nenhuma escolarização.

Dessa forma o procedimento foi a coleta de dados por dois meses por meio da entrevista (Bardelli, 1986). A partir do resultado dessa coleta, as entrevistadoras perceberam como as professoras veem seus alunos com mau desempenho escolar, que lhes permitiu agrupar quatro tipos de características percebidas nesses alunos com mau desempenho escolar:

- Características ligadas à cognição (50,44%): tem dificuldade para raciocinar, é lento, tem dificuldades psicomotora, tem problemas de assimilação e memorização, tem retardo mental.

- Características ligadas à personalidade (44,24%): é desinteressado, inquieto, briguento, inibido, vaidoso, mentiroso, não tem iniciativa.
- Características ligadas à higiene e saúde (1,76%): não tem saúde física e falta-lhe higiene.
- Características de faltar muito às aulas (1,76%). (BARDELLI;MALUF, 1991)

Assim por meio desses quatro tipos de características coletadas, as autoras destacam que essas representações refletem a imagem negativa e individualistas das professores sobre os alunos, pois em nenhum momento as características que neles foram percebidas estiveram inseridas em seus contextos sociais de vida. Porém, se estivessem consciência desta perspectiva mais integrada poderia ser evitado e reduzido as deficiências e as diferenças observadas nesses alunos. Para Piaget (1998) as formas de pensamento constroem-se na interação da criança com os objetos, através da ação. O sujeito conhece o objeto assimilando-o a seus esquemas. Então o desconhecer do social a qual as crianças estão inseridas por parte do professor, acarreta na desconexão dessas pontes.

Já na perspectiva dos alunos, a autoavaliação de seus desempenhos escolares, 17 responderam na entrevista que estavam se saindo bem: 15 responderam que estavam se saindo mais ou menos e 10 disseram que estavam se saindo mal.

Na imagem 1, presente no artigo “As causas do fracasso escolar naperspectiva de professoras e alunos de uma escola de primeiro grau.” (BARDELLI; MALUF, 1991), pode-se observar que há uma discrepância entre professores e alunos. As professoras explicam o mau desempenho escolar por predominantemente razões familiares (30,30%) e problemas de saúde (16,66%), que são causas externas (família) ou internas (saúde), não controláveis, apontando assim para a teoria da deficiência cognitiva, que é inspirada na ideologia da privação cultural. Já os alunos explicam seu mau desempenho pela falta de motivação (24,28 %) ou pela necessidade de trabalhar do que dos estudos (8,57%). Essas causas, as autoras destacam que são internas e controláveis pois envolvem o contexto escolar (motivação e esforço) ou causas externas e controláveis (trabalho do aluno), que envolve o contexto social.

A – Causas do mau desempenho escolar mencionadas por professoras e por alunos:				
	F	%	F	%
Causas familiares	20	30,30	3	4,28
Falta de saúde física	11	16,66	2	2,85
Trabalho do aluno	6	9,09	6	8,57
Falta de motivação e de esforço	6	9,09	17	24,28
Ausência às aulas	3	4,54	2	2,85
Falta de capacidade intelectual	2	3,03	5	7,14
B – Causas mencionadas exclusivamente pelas professoras:				
	F	%		
Imaturidade	6	9,09		
Problemas na alfabetização	6	9,09		
Deficiência cognitiva	5	7,57		
Má alimentação	1	1,51		
C – Causas mencionadas exclusivamente pelos alunos:				
			F	%
Dificuldade da tarefa			14	20,00
Inadequações da professora			9	12,85
Opiniões de outros sobre seu mau desempenho			6	8,57
Bagunça dos colegas			1	1,42
D – Respostas anuladas por explicarem o desempenho considerado bom				
			F	%
			5	7,12

Imagem 1- Tipos de atribuições causais para o mau desempenho escolar (BARDELLI; MALUF, 1991)

Desse modo, ao analisar a tabela, tais porcentagens destacam a responsabilidade do sistema escolar e social na reprodução do fracasso escolar. A maioria das atribuições das professoras apontam para o indivíduo e não para a escola. Já a maioria das atribuições feitas pelos alunos apontam para a escola.

Assim, os resultados desta pesquisa apontam que as professoras apontam e responsabilizam o aluno e sua família pelo mau desempenho escolar; os alunos, de outra maneira, se auto-responsabilizam pela má qualidade de seu desempenho. Este resultado é semelhante ao resultado das pesquisas de Lequerica (1983), Mello (1982), e Penin (1980) os professores do ensino básico tenderam a responsabilizar aos alunos e suas famílias pelo mau desempenho escolar. Penin (1980) sugeriu que:

Os professores, atribuindo o baixo aproveitamento escolar a causas externas à sua competência, passam a acreditar que não dependerá deles qualquer alteração no aproveitamento do aluno na escola e tornam-se menos insatisfeitos. (Penin, 1980)

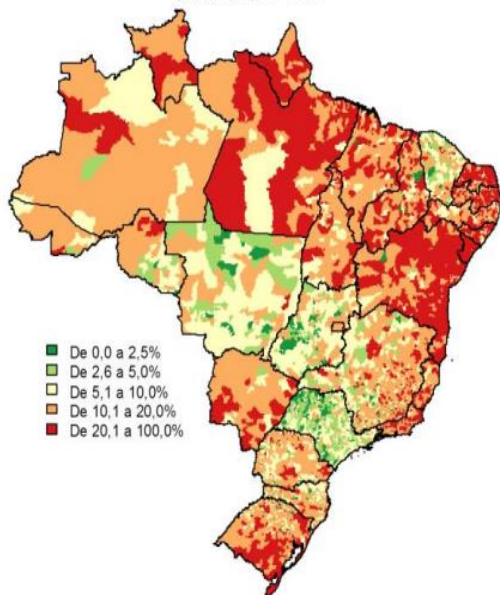
Essa atitude dos professores perante à situação de mau desempenho escolar é psicologicamente confortante. Nesse contexto, é necessário incentivar a mudança de suas práticas, do lidar competentemente com as dimensões afetivas de seus alunos, rever seus conteúdos e métodos, adaptar à realidade social e criar uma consciência política sobre o contexto ao qual está inserida. Sendo assim, as autoras criaram três aspectos para trabalhar a reflexão:

- 1- Avançamos no conhecimentos dos esquemas causais de professores e alunos a respeito do mau desempenho escolar. Tendo trabalhado na perspectiva de uma psicologia aplicada, a etapa de utilização do conhecimento construído escapou-nos devido à interferência de fatores de caráter institucional, social e político.
- 2- O enfoque da pesquisa participante surgiu no horizonte como uma possível forma de se tentar superar a ruptura entre os momentos de produção e de uso do conhecimento científico.
- 3- A criação ou ampliação de programas de colaboração entre Universidade e escola de 1º grau, com apoio institucional, pode constituir-se em estratégia privilegiada na luta pela superação dos problemas da escola. (BARDELLI; MALUF, 1991)

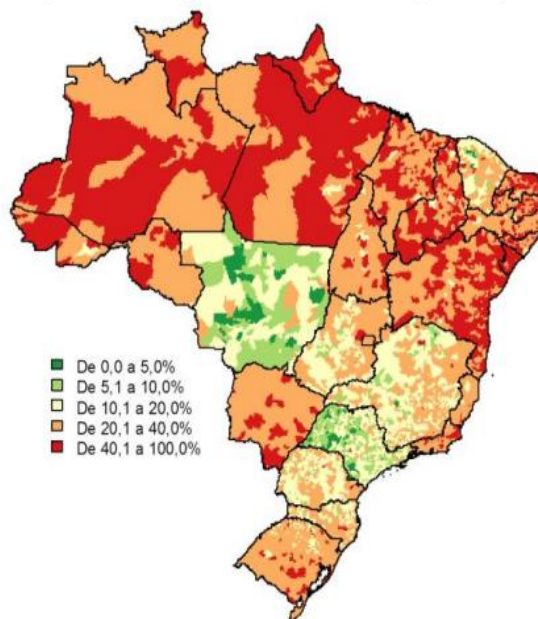
Desse modo, a reflexão desses três aspectos por parte da escola, família e sociedade permite salientar sobre as questões externas e institucionais que interferem diretamente na escola. Além disso, a superação da ruptura do fazer e do pensar, é essencial para por em prática as questões que são consideradas insuperáveis. Também, o pensar sobre uma possível ponte de repasse de saberes entre a Universidade e a Escola, a fim da superação dos problemas escolares.

Segundo os dados oficiais do Censo Escolar de 2017, nas Notas Estatísticas do Censo Escolar, “Nos anos finais é evidente a piora nos indicadores de aprovação e também na distorção idade-série (mapas 8 e 9). Apenas cinco estados possuem algum município com taxas de distorção idade-série inferior 5% nos anos finais”. Dessa forma, a leitura do mapa pode dizer muito sobre a influência de fatores sociais e econômicos, na presença de aprovação/ reprovação e na distorção idade-série, dos anos finais.

Mapa 8. Percentual de não aprovados (soma de reprovação e abandono) dos anos finais por município – 2016



Mapa 9. Taxa de distorção idade-série dos anos finais por município – 2017



Notas Estatísticas Censo Escolar 2017 (BRASIL, 2017)

CONCLUSÃO

Nessa perspectiva, a conclusão pretende dar início à finalização do artigo e trazer o enfoque nas crianças e em como ela se sente em meio ao fracasso escolar. Na tentativa de se explicitar esse sentimento, remetemos a Marturano (1997) que afirma que: “apesar de sua vulnerabilidade frente ao fracasso escolar, que lhe causa muito sofrimento, muitas vezes a criança é capaz de resistir ao stress e à adversidade”. Essa resposta ao evento mostra a capacidade do ser humano a responder de forma positiva à adversidade.

Ainda destaca que o apoio por profissionais no acompanhamento de seu desenvolvimento, com ajuda e suporte a fim de superar as dificuldades, o processo de fracasso escolar pode ser revertido. Porém e os alunos em situação de vulnerabilidade escolar? Estes não tem a oportunidade de ter esse acompanhamento.

No entanto, quando a assimilação de todos os problemas relacionados ao fracasso escolar forem relacionados a problemas neurológicos e psicológicos, isso pode causar problemas à crianças. Então as crianças são encaminhadas a especialistas pois os professores acreditam que tais problemas “vai além de sua formação”. Nessa atitude, Marturano, Linhares e Parreira (1993) e Marturano et al (1997) consideram uma tentativa de medicalização ou psicologização da dificuldade de aprendizagem.

Nesta conduta, os professores “buscam solução de um problema que é da escola fora da instituição escolar” (CRUZ; STEFANINI, 2005/2006). Existindo assim, segundo as autoras, muitas crianças vítimas desta prática. Porém, até quando essa resposta ao fracasso escolar é favorável? Todos os indivíduos respondem dessa forma? Essas e outras questões aparecem ao se pensar na ideia de resiliência.

Segundo Nunes (1990):

[...] essas crianças criam o sentimento de impotência frente aos eventos externos e demonstram desistir de buscar soluções para os problemas. É o que a autora chama de desamparo adquirido. As crianças sentem-se diminuídas, fracassadas e passam a perceber-se totalmente carentes e abandonadas, apresentando assim, uma auto-imagem negativa, o que as leva a produzir mais fracassos em sua vida. (NUNES, 1990)

Dessa forma, cabe a escola tentar resolver as dificuldades escolares das crianças. Outra atitude interessante por parte dos professores é que o fracasso escolar é considerado reversível, concordando com as falas de alguns autores pesquisados para elaboração do artigo. Ao que evidencia as falas, os professores têm confiança na sua atuação e tem esperança perante a seus alunos.

No entanto, mesmo com essas esperanças, vem crescendo o número de alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem. Assim a autora destaca:

se os alunos não aprendem, podem estar ocorrendo falhas nos três elementos que concorrem, igualmente, para a efetivação da aprendizagem: quem ensina, o conteúdo a ser ensinado e o sujeito que aprende, como mostra este estudo. (CRUZ; STEFANINI, 2005/2006)

Desse modo, a opinião dos professores a respeito do que foi apresentado pelos autores citados na então pesquisa, diz muito sobre eles, principalmente a respeito de conhecer seus alunos e suas famílias, ao mesmo modo que conhecem o ambiente em que estes vivem. Concordando com a abordagem sócio-histórica ou sociocultural de Vygotsky (1991). A aprendizagem é o resultado da interação da criança com o meio social para constituir sua capacidade cognitiva, sendo produto do pensamento e da linguagem, envolvendo a reflexão, o planejamento e a organização, propiciados pelo pensamento verbal que é construído pela mediação simbólica ou social.

Dessa forma, aspectos fora da sala de aula e fora das atividades neurológicas, psiquiátricas, psicológicas e sociais de seus alunos, mesmo sendo reconhecidas pelos professores e pela Instituição Escolar, não são evidenciadas nas suas queixas sobre o fracasso escolar.

Sendo assim, ao se afastar os problemas sociais, presentes nas vidas dos alunos, da escola é um erro grave e é uma forma de calar a fala, os sentimentos e a forma do aluno se expressar na escola. A escola é um lugar de direitos e em todo local de direito existe a fala e a escuta dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MALUF, Maria Regina; BARDELLI, Cristina. As causas do Fracasso escolar na perspectiva de professores e alunos de uma escola de primeiro grau. *Pisc.: Teor. E Pesq.*, Brasília, 1991, V.7, N° 3, pp. 263-271. Disponível em:< <https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/2108/624>> . Acesso em: 28 de maio de 2018.

SILVA, Rosane Gumiero Dias da. Discutindo Algumas Faces do Fracasso Escolar Como um “Sintoma” da Violência Escolar: do individual à instituição. *Educação: Teoria e Prática – Vol. 21, n. 36, Período jan/jun-2011. pp. 84-100.* Disponível em:< <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/4918>> Acesso em: 28 de maio de 2018.

CRUZ, Sônia Aparecida Belletti; STEFANINI, Maria Cristina Bergonzoni. Dificuldades de aprendizagem de alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental: o olhar do professor. *Temas em Educ. e Saúde. UNESP/Araraquara, SP, Brasil, 2005/2006- v.5, pp. 67-91.* Disponível em:< <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9505/6298>> Acesso em: 28 de maio de 2018.

MARTURANO, E. M.; LINHARES, M. B. M.; PARREIRA, V. L. C. Problemas emocionais e comportamentais associados a dificuldades na aprendizagem escolar. *Medicina Ribeirão Preto, v. 26, n. 2, p.161-175, abr./jun., 1993.*

NUNES, A. N. A. Fracasso escolar e desamparo adquirido. *Psic: Teoria e pesquisa, Brasília, v. 6, n. 2, p.139-154, 1990.*

PELEGRINI, R. M.; GOLFETO, J. H. Problemas de aprendizagem: um enfoque em psiquiatria infantil. In: FUNAYAMA, C. A. (Org.). Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p.25-40.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PIAGET, J.; GRÉCCO, P. Aprendizagem e conhecimento. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1974.

VYGOTSKY, L. S. A. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PENIN, S. T. De S. (1980) A satisfação/insatisfação no trabalho e suas relações com as determinações objetivas da prática pedagógica desenvolvida pelo professor de 1ª a 4ª série da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Censo Escolar, 2017. Notas Estatísticas. Brasília – DF. Janeiro, 2018. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_e_statisticas_Censo_Escolar_2017.pdf> Acesso em: 28 de maio de 2018